

## **“A LUA NOVA DEVORARÁ SUAS HERANÇAS”** **Observações sobre Oséias 5,1-7**

Milton Schwantes

A leitura da profecia continua um desafio. Trata-se de um desafio até bastante elementar. O problema primeiro reside na própria leitura e interpretação do texto, na explicação dos originais. Ora, a profecia que temos na Bíblia é um texto.

Uma leitura necessita de um ‘texto’. Primeiramente, do texto como livro ou como grandes unidades de livros proféticos. Mas, de imediato, se percebe que para uma compreensão em profundidade necessita-se de um texto menor, específico.

Mas, afinal, onde começa e onde termina um ‘texto’, uma unidade de sentido, uma perícopie profética. Basta observar as diversas traduções da Bíblia em uso e se verá que há grandes discordâncias a respeito. As traduções da Bíblia estão longe de alcançar unanimidade quanto à identificação das unidades de sentido, dos ‘textos’ nos livros dos profetas. E uma vez que neste aspecto elementar há muitas dificuldades é óbvio que temos problemas em explicitar os sentidos de ‘textos’ proféticos, pois sentidos estão vinculados a ‘textos’ claramente identificáveis, a unidades de sentido.

Acrescento a esta dificuldade da leitura de livros proféticos uma outra que lhe é similar: na exegese, continuamos a ter o problema elementar de dizer como se estruturam os textos internamente. Como flui sua linguagem? Este problema tem muito a ver com as dificuldades que, hoje, temos em caracterizar a poesia hebraica. Afinal, profecia é poesia! Mas como ‘funciona’ esta poesia hebraica, quais são suas marcas? Tempos havia em que se dizia que a poesia hebraica seria reconhecível pelo paralelismo, pelos diversos tipos de paralelismos. Mas até esta ‘verdade’ nos vem escapando entre as mãos, já que a poesia profética, diferente da poesia proverbial e sentencial (veja o livro dos Provérbios), raramente formula paralelos simples, antes se comunica através de ‘palavras’ (*debarim*) ou de oráculos (*ne’um*), de ditos de vários versículos. Em tais ditos ou estrofes poético-proféticas há repetições, ainda que estas não tenham a tendência de ser paralelas mas sim variadas e criativas retomadas de conteúdos similares em frases similares, em repetições. Então, que tipo de poesia é a dos ditos proféticos? No caminho da resposta a esta questão está obviamente uma melhor percepção de como estão organizados estas ‘palavras’, estes ditos ou estas estrofes proféticas.

No âmbito de tais questões quero observar a seguir um texto específico, o de Oséias 5,1-7. Aí os problemas começam, justamente, pela definição da identidade textual da passagem profética: qual é seu começo, qual seu final, qual sua característica? A respeito tenho uma hipótese.

## Uma espécie de ponte

Penso que estes primeiros versículos do cap. 5 têm muita relação com os versículos que lhe precedem e com os que lhe seguem, parecendo-se a uma ponte.

Têm ligação com o capítulo anterior. Afinal, não será por acaso que “os sacerdotes” são os primeiros a serem chamados. Estes haviam sido o assunto do cap. 4.

A denúncia da “auto-suficiência” (geralmente designada de “prostituição”), nos v. 3-4, é precisamente o tema que considerávamos central no cap. 4. Até mesmo a expressão “espírito de auto-suficiências/prostituições” estivera em 4,12 e está aqui em 5,4.

Igualmente a crítica aos sacrifícios de 5,6 provém do capítulo anterior, de 4,14.

Por aí já se vê que 5,1-7 dá continuidade ao cap. 4.

Mas, tem também olhos postos no que segue, em 5,8 até 7,16.

Afinal, é à “casa de Israel”, à “casa do rei” que se dirige o v. 1, além de chamar pelos “sacerdotes”. Além disso, o v. 3 evoca “Efraim” e “Israel”, bem como o v. 5. Estes “casa de Israel” e “casa do rei” bem como “Efraim” e “Israel” são as instituições políticas do reino do Norte. Referem-se ao estado. E isso vem ainda reforçado pela referência a “Judá”, o estado do Sul. Estes estados do Sul e Norte são precisamente o tema da grande unidade de 5,8 até 7,16. Veja, por exemplo, 5,10-12!

Neste caso, nossos v. 1-7 como que encaminham para 5,8 até 7,16. A crítica ao sacrifício de nosso v. 6 é o tema central em 5,8 até 7,16, como mostra a frase programática de 6,6: “solidariedade quero e não sacrifício!”

Estamos, pois, sobre uma ponte: 5,1-7 retoma 4,4-19 e remete para 5,8–7,16. Possibilita que se olhe para trás e convida a que se caminhe para frente.

Ora, uma ponte liga duas margens. Conecta o que já existe. Se, pois, dissemos que 5,1-7 são uma espécie de ponte, então foram formulados, em última instância, por quem compôs o livro de Oséias. Parece que estes nossos versículos nos levam para perto dos redatores, dos compiladores do livro, da unidade dos caps. 5–8.

Em 5,1-7, temos, pois, um conjunto de versículos que necessitam de seu contexto literário para poderem ser compreendidos. Neste sentido, bem que poderiam ser explicados no contexto do cap. 4, por um lado, e caps. 5,8 até 7,16, por outro lado. Isso seria apropriado caso estes versículos iniciais do cap. 5 não tivessem também sua identidade própria. E este me parece ser o caso.

Para percebê-lo, precisamos atentar melhor para seus dizeres. É o que faremos a seguir.

Passemos sobre a ponte, valendo-nos de uma tradução bastante literal!

<sup>1</sup> Ouvi isto,	sacerdotes!
E estai atentos,	casa de Israel!
E casa do rei,	escutai!

Eis, para vós o direito!

Eis, laço fostes para Mispa,  
e rede estendida sobre o Tabor,  
<sup>2</sup>e cova [em] Setim cavaram.

E eu orientação para todos eles.

\* \* \*

<sup>3</sup>Eu conheci Efraim,  
e Israel não ficou escondido de mim:

eis, agora, estás autônomo, Efraim,  
está corrompido Israel.

<sup>4</sup>Não permitirão suas obras que retornem a seu Deus.

Eis, espírito de auto-suficiência em seu meio  
e Javé não conheceram.

\* \* \*

<sup>5</sup>E testemunha o orgulho de Israel contra ele:  
e Israel e Efraim tropeça no seu erro,  
tropeçou em especial Judá com eles.

\* \* \*

<sup>6</sup>Com suas ovelhas  
e com seu gado andarão para buscar Javé,  
e não encontrarão;  
afastou-se deles;

<sup>7</sup>a Javé traíram;  
eis filhos estranhos geraram.

Agora,  
a lua nova devorar-lhes-á suas heranças.

Trata-se aí de uma unidade de sentido? E esta unidade, caso exista, seria suficientemente diferente de seu contexto literário (cap. 4 + caps. 5,8–7,16) a ponto de merecer a designação de unidade profética de sentido, de perícopo?

A resposta há de estar no jeito de ser do próprio texto. A respeito tenho uma hipótese:

### **Um mosaico**

Na verdade, não é fácil identificar o que torna estes v. 1-7 uma unidade. Há pouca continuidade; há pouca costura.

Contudo, por certo, você identifica, sem mais, certas unidades menores.

Por exemplo, os v. 1-2, estes sim mantêm um mesmo assunto: “sacerdotes”, “casa de Israel” e “casa do rei” são alertados quanto a seu compromisso em favor do “direito”. E, em seguida, se lhes atribui o contrário do “direito”. São qual caçadores a arrasar vilas e localidades como Mispa, Tabor e Setim. Logo, são enfrentados com “orientação”, ou com “disciplina”, com castigo. Por aí se vê que os v. 1-2 tratam de um só assunto: do “direito” que, por ser desrespeitado, requer “orientação”/disciplina/castigo.

Também os v. 3-4 mantêm um mesmo tema. Começam por afirmar que Javé ‘conhece Efraim’ (v. 3) e concluem constatando que Efraim ‘não conhece a Javé’. Não conhece por estar dedicado a “tornar-se auto-suficiente” (a ‘prostituir-se’), ao “espírito de auto-suficiência” (‘de prostituições’), ou seja, à idolatria. Os v. 3-4 são, pois, unitários quanto a seu tema. Mas, qual haveria de ser sua relação com os v. 1-2, onde o assunto era bem outro? Veja, as coisas não estão em plena sintonia. Falta seqüência, costura.

E outro é o tema de v. 5. Sua questão não é nem “direito” (v. 1-2) e nem “auto-suficiência”/‘prostituição’/idolatria (v. 3-4), mas “o orgulho de Israel”. Ele é denunciado.

E, veja só, o v. 6 novamente está em outra. Agora, os sacrifícios de ovelhas e gado são criticados. Com eles se pensa encontrar Javé. Mas, qual nada: Javé nem quer saber de tais holocaustos. “Afastou-se!”

Quantos pedaços, *fragmentos*, cacos! Nossos v. 1-7 parecem constituir-se do ajuntado de partes soltas, de parcelas de textos.

São, possivelmente, ditos abreviados pronunciados pelo profeta, cá e lá. São parcelas de suas profecias sobre este e aquele assunto. Estas palavras que aqui vêm reunidas estão aparentemente soltas. São pedaços, curtas falas.

Mas, estas partes, de fato são somente fragmentos? Chegam a formar um todo ou permanecem soltas, esparsas? Seriam somente cacos? Nem mesmo constituiriam um conjunto ainda que formado de parcelas?

Não, realmente são um todo, são uma espécie de *um mosaico*, feito de pedacinhos das memórias sobre o profeta, de fragmentos de memória.

Ora veja, há um assunto que se repete. Funciona como fio que trança os diversos fragmentos. É que todos os ‘cacos’ tratam de “Israel”/“Efraim”. Não é mesmo? O mosaico tem o que liga as peças: todas se concentram em criticar “Israel”, que, como ainda veremos, é o estado! O v. 6 não o faz assim expressamente. Mas aqueles que neste versículo buscam a Javé com sacrifícios são os mesmos dos versículos anteriores: as autoridades senhoriais da “casa de Israel”.

Além deste fio condutor que amarra as pequenas peças proféticas, há também o v. 7. Este tem a função de um fecho. A gente o percebe no fato de que nele volta o assunto da auto-suficiência, da assim chamada ‘prostituição’ dos v. 3-4. Pois, “trair a Javé” e gerar “filhos estranhos” (v. 7) é precisamente “ser auto-suficiente”/‘prostituir-se’/idolatrar (v. 3-4). Ainda mais nítido é o final do v. 7 (“a lua nova devorará as suas heranças”). Pois, esta “lua nova” há de referir-se à festa em que se dão os ritos, o “espí-

rito de auto-suficiência”, de ‘prostituições’. Portanto, o v. 7 fecha o mosaico de v. 1-7, em que as várias peças estão ligadas por serem todas críticas a Israel.

Ainda que 5,1-7 assumam uma função especial – a de ponte – em seu contexto literário (caps. 4 + 5,8–7,16) e ainda que seja composto por pequenas subunidades, por fragmentos literários, constitui-se em um ‘texto’, em uma unidade de sentido própria diversa da unidade de sentido que a precede (cap. 4) e da que lhe segue (caps. 5,8–7,16). Neste sentido, 5,1-7 é uma perícopé.

Feitas estas constatações quanto à função contextual da nossa perícopé e de sua identidade como composição de fragmentos proféticos, de um mosaico de peças, cabe-nos, agora, orientar-nos a respeito da situação histórica de nossa unidade de sentido, para poder focar a seguir seus sentidos.

### **Profecia em meio à crise**

Há uma hora em que se faz o texto, em que os v. 1-7 foram ‘editados’ como se fossem um dito só. Quando o cap. 4 foi colecionado e reunido a 5,8 até 7,16, aí nossos v. 1-7 se tornaram, como dizíamos, uma ponte. E quando teria isso ocorrido?

Ora, 5,8 até 7,16 se referem à assim chamada guerra siro-efraimita. Em 734/3, os arameus (= siros) se aliaram a Israel (= Efraim) para ocupar Judá e forçar seus mandatários a ingressarem numa aliança militar anti-assíria. Este é o contexto histórico de Oséias 5,8–7,16 (e também de Is 6,1–9,6).

Em 733/2, os assírios contra-atacaram. Conquistaram Damasco, a capital dos arameus. E, em seguida, adonaram-se das regiões setentrionais de Israel: Dã, Megido e Dor, deportando parte de sua população e transformando a região em províncias assírias (2Reis 15,29). Uma catástrofe! Israel fora reduzido a menos da metade! Fora confinado às montanhas da Samaria!

Este desfecho requereu uma avaliação profunda, elementar. É o que temos em Oséias 5,8–7,16 (e em Is 6,1–9,6). Este panfleto profético, surgido após 732, interpreta a ruína.

Nosso mosaico 5,1-7, conquanto texto/perícopé, conquanto literatura, é parte desta avaliação profética da catástrofe de 732. Esta é a ‘hora literária’ da ‘ponte’, do ‘mosaico’.

As peças, os quase fragmentos de ditos proféticos, reunidos neste ‘mosaico’, isoladamente não de ser anteriores. Sua ‘hora’ são os próprios acontecimentos em andamento. A ‘hora’ profética, a hora da fala profética não é após o ocorrido. Sua ‘hora’ é o olho do furacão, o momento dos acontecimentos.

As palavras reunidas em 5,1-7 terão sido pronunciadas nos debates que se travavam, em meio ao povo, em 734 a 732 aC, quando as armas eram preparadas, a religião atijada, os espíritos motivados para guerrear contra Judá, para enfrentar os assírios. Nesta hora do “orgulho de Israel”, de suas dinastias e generalatos, o profeta se pôs a revelar toda a podridão destes tão ‘orgulhosos’ senhores.

Podemos, pois, voltar, a seguir, aos conteúdos mais relevantes de nossa perícope, cuja origem literária se encontra nos anos após a guerra siro-efraimita de 733/2 aC.

### **Atenção, Israel! = Atenção, autoridades!**

Em jogo estão, nestas falas proféticas, as instituições do Estado de Israel e os senhores que delas se apossaram. Este é um dos enfoques que proponho para a interpretação.

Quero deixá-lo bem transparente, logo no começo. Pois há também quem fique a fantasiar que Oséias estaria pondo em xeque o povo. Lógico, a população também está envolvida, precisamente na medida em que põe sua confiança em Israel/Estado, neste “orgulho” nacional. Mas, não é o povo o interlocutor do profeta. Este é, antes, posto sob controle por aqueles que o profeta torna seus interlocutores.

São eles aqueles que se escondem sob o teto da “casa de Israel”, das instituições do Estado, principalmente de Israel/Norte, mas também de Judá.

Expressamente mencionados são “os sacerdotes” e “a casa do rei”, isto é, a corte real (v. 1). Implícitos estão os militares (v. 2), pois via de regra são eles que se põem a caçar vilas e povoados que não se submetem ao mando central (veja, por exemplo, 2Reis 15,16). São os senhores da guerra também os que se deleitam no “orgulho de Israel”.

Os “sacerdotes” são os mais envolvidos implicitamente. Pois, fomento de “auto-suficiência”/“prostituição” (v. 3-4), de “sacrifícios”, de festas da “lua nova” (v. 7) são coisas suas. Aliás são eles que encabeçam a lista no v. 1: “ouvi, sacerdotes!”

Portanto, neste ‘mosaico’ de palavras proféticas de Oséias estão em questão as autoridades e as instituições do Estado israelita, efraimita.

Esta maneira de ler nosso texto, que ao meu ver se impõe pelo próprio texto, desde seu v. 1, e pelo contexto em que foi formulado, marca o aspecto da interpretação que aqui quero propor. É verdade, este aspecto não esclarece tudo, mas não há como esquecê-lo na leitura de nosso texto. Penso que, em meio aos debates hermenêuticos atuais, inclusive convém que se ressalte este aspecto.

Israel/poderosos são o fio ao redor do qual estão trançadas as palavras proféticas. Entre si estes ditos – como víamos – não têm seqüência. Obtém-na a partir do fato de todos dizerem respeito a Israel, aos poderosos senhores.

Denunciado é, pois, este Israel, esta “casa” politicamente organizada para a opressão da população, particularmente das lavradoras e dos camponeses, em cujo nome fala o profeta. É denunciado por quatro motivos: descaso ao direito, incentivo à “auto-suficiência”/“prostituição”, orgulho e promoção de sacrifícios.

### **O direito na cova**

Às autoridades competiria zelar pelo “direito”, pelo *mixpat* (v. 1).

No cap. 4, Oséias exige dos sacerdotes a promoção do “conhecimento” e da “orientação”/mandamentos de Deus (4,6). O Salmo 72, por exemplo, espera que o governo seja defensor da “justiça” e do “direito”.

Atitudes similares Oséias esperaria das autoridades, ao atribuir-lhes o zelo pelo “direito”. Pelo visto, este conceito “direito” é para nosso profeta bem abrangente (2,21-22; 5,11). Equivaleria a nosso “bem-estar”.

Ao invés de promover o “bem-estar”, os governantes, particularmente os militares, vão à caça da população: põem “laço”, estendem “redes”, cavam “cova”. Fazem-no em toda parte em Israel: no norte, no Tabor; no sul, em Mispa; a leste, na Transjordânia, em Setim. Trata-se sempre de pequenas localidades, de povoados típicos. Aí transformam a gente do campo em caça. Afinal, aqueles “pobres do campo” (para usar um conceito de Amós, contemporâneo de Oséias) – mulheres e homens – ‘esqueciam-se’ de pagar os tributos devidos, de apoiar os templos com os necessários sacrifícios e dízimos, de enviar seus jovens para as batalhas que promoveriam o “orgulho” da nação. Tais ‘esquecimentos’ precisavam ser exemplarmente punidos, ‘caçando’ traidores da pátria e da religião.

Caça ao povo ao invés de “direito” – eis a primeira denúncia à “casa de Israel”.

A ela se assemelha a crítica ao “orgulho”, no v. 5.

### **Orgulho – um tropeço**

No v. 5, Oséias denuncia “o orgulho de Israel”. Não é fácil saber o que seja tal “orgulho”. Diversas interpretações são possíveis.

Mas, no conjunto de nossos v. 1-7, “o orgulho de Israel” há de ser a prepotência das autoridades. É o “orgulho” nacional, forjado pelos poderes para promover arrecadações, para enaltecer o exército.

Este orgulho é tropeço. Funciona como cova.

### **Ovelhas e bois nos altares**

O “orgulho” (v. 5) também se expressa na religião, em quantidades de sacrifícios e holocaustos. Estes são denunciados no v. 6. O governo promove peregrinações – “andam para buscar” – e sacrifícios. Mas, tal esforço religioso fica sem resultado, porque tais ovelhas e bois sacrificados não encontram Javé.

O problema no caso não é alguma falsa intenção que estivesse guiando os senhores e sacerdotes promotores das peregrinações de sacrifício. Não, no conjunto da profecia de Oséias, o problema do sacrifício não é a eventual falsa intenção ou moral de quem o estivesse patrocinando. Nada disso. Oséias é contra o sacrifício seja qual for (6,6; 14,2-3). É que o sacrifício é o próprio eixo do sistema espoliativo. Ele é, por si, o contrário de solidariedade (6,6). É, como tal, exploração. Pois, o sacrifício é o ‘carro chefe’ de todo um sistema, pelo qual as elites requisitam do povo entregas, tributos, dízimos. Afinal, Deus já não consome sacrifícios; logo, alguém os consome em seu lugar, os donos do templo, do estado, do comércio.

Por isso, o sacrifício não encontra Javé, pois o holocausto é o inverso da solidariedade. Nele só estão interessados os próprios senhores (veja Oséias 8,13).

O Estado é sacrificial. O Javé do povo eleito é solidário. Estas são duas teologias que se excluem, em Oséias.

A denúncia de que o direito está em ruína (v. 1-2), de que está preso na cova, e a afirmação de que o sacrifício nos templos não encontra a Deus se situam numa mesma linha. Os que enfossam o direito são os mesmos que promovem uma religião sacrificial. Ontem e hoje.

Falta de “direito” leva a excesso de “sacrifício”. A denúncia religiosa (anti-sacrificial) e a exigência social (mais direito) como que são companheiras de caminhos. O social e o religioso não são separáveis na ótica dos profetas.

A tais denúncias soma-se aquela que em nossos versículos é a mais veemente: a da “auto-suficiência”, a da assim chamada ‘prostituição’ (v. 3-4.7).

### **“Em seu centro, espírito de auto-suficiência”**

Esta denúncia da “auto-suficiência” é a mais enfática, seja por estar no centro de nossos v. 1-7, seja por estar sendo retomada no final, no v. 7, versículo com o qual é fechada nossa unidade de sentido. Obtém, pois, realce entre as demais denúncias, o que aliás é confirmado pelo restante do livro de Oséias: desde 1,2 sua crítica primordial ao país e às elites é a de estarem isolando o povo em “auto-suficiência”.

O que é esta “auto-suficiência”, esta “prostituição” como quase todos traduzem e entendem o conceito em questão? O que significa o verbo hebraico *znh*? Estamos diante de uma questão difícil que começa a ingressar no debate exegético. A respeito já temos um bom número de opiniões; recomendo, particularmente, a leitura de dois estudos: o breve ensaio de Hannelis Schulte e a dissertação de mestrado de Mercedes Budallés. Estas duas exegetas podem auxiliar-nos a encaminhar o discernimento sobre o assunto.

No geral, entendia-se a raiz verbal *znh* como “prostituir”. Assim o temos nos dicionários de hebraico, bem como nos comentários exegéticos, como no de Hans Walter Wolff e de modo similar nos de outros exegetas. Eu também entendia a raiz *znh* no referido sentido que, até há poucos anos, constituía um certo consenso na exegese. A interpretação, por conseguinte, girava em torno do sentido de *znh*/“prostituir”, podendo, mesmo assim, assumir vários contornos, como vemos no já citado Hans Walter Wolff, ou em Jorge Mejía ou, diferentemente, em Tânia Mara Vieira Sampaio.

À luz dos novos intentos de entender a raiz *znh*, penso que vale a pena que se experimente uma leitura de Oséias tomando por base um sentido diferente para *znh*. Assumo, a título experimental, o significado de *znh* proposto por Hannelis Schulte: “ser auto-suficiente”, “ser autônomo”. Uma mulher *zonah* é, pois, alguém que vive sem depender social e economicamente de um *ba‘al*, de um “senhor”, “marido”. Em Oséias, Gomer é uma mulher sem dependência real de Oséias (veja 1,2) e, a partir daí, em sentido teológico designa a relação de distanciamento, de auto-suficiência de Deus, de Javé.

Em relação à nossa perícopa – 5,1-7 – o referido sentido de *znh* assumido de modo experimental como “ser auto-suficiente”, “abdicar de”, a meu ver, dá sentido. Poder-se-á entender a primeira frase do v. 7 como uma explicação do que seja *znh* em sentido teológico:

a Javé                      traíram;  
eis filhos estranhos      geraram (v. 7a)

“Eles”/Israel tomaram distância de Javé; dele já não querem saber. Nestes termos, poder-se-á circunscrever *znh*, um verbo que passa a ter um campo semântico similar a “tratar deslealmente”, “trair” (*bgd*), e ao adjetivo “estranho” (*zar*), sem relação com Javé. A “lua nova” é o espaço e, talvez, o ritual no qual se celebra esta ‘deslealdade’, esta ‘estranheza’, esta ‘auto-suficiência’ em relação a Javé, o Deus do êxodo (4,1-3; 11,1-11).

O v. 3 há de caber neste âmbito de significado de *znh*.

Eu        conheci                      Efraim,  
e Israel não ficou escondido      de mim:  
eis, agora, estás autônomo, Efraim,  
      está corrompido Israel. (v. 3)

Na segunda parte deste v. 3, *znh* está em paralelo com *tm*. É difícil identificar o sentido próprio deste verbo *tm* (aqui no nifal); designa “tornar-se impuro”, “contaminar-se”, “corromper-se”. De todo modo, significativo é neste verbo que indica que algo ou alguém está fora do âmbito da comunidade, que está à parte. O sentido da raiz *znh* – que está em paralelo com *tm* – não difere muito. E a primeira parte do v. 3 – v. 3a – corrobora esta dimensão: Efraim + Israel; ambos ‘são autônomos’ e ‘estão corrompidos’ (v. 3b) diante de Javé, o que equivale a dizer que aos olhos de Javé não estão ‘escondidos’ de Deus, ou em termos positivos por ele são ‘conhecidos’ (v. 3a). No caso, *znh* se assemelha a “ficar escondido”, e é o contrário de “conhecer”.

No v. 4b, no centro de nossa perícopa, repete-se esta oposição entre *znh* e “conhecer” (*yd* ‘originalmente “experimental”’):

Eis, espírito de auto-suficiência em seu meio  
e Javé                                      não conheceram. (v. 4b)

Onde estiver o “espírito de *zenunim*”/de “auto-suficiências” ali não haverá ‘conhecimento/experiência de Deus’. Trata-se de âmbitos que se excluem. Pois, o “espírito de *zenunim*” ‘traí’ e é ‘estranho’ (v. 7a) às práticas de Javé, que são as dos mandamentos que se opõem a assassinatos promovidos pelas elites (4,1-3), que são as da solidariedade (6,6). Ora, “conhecer a Javé”, em Oséias, é ter a consciência da história de libertações de Javé por seu povo desde o êxodo, desde Moisés (13,13-14). E, simultaneamente, “conhecer a Javé” é praticar suas orientações, seus mandamentos (4,1-3; 4,6) para forjar a comunidade, o povo. Ao *znh* falta o solidário e a memória!

Por certo, ainda não há de ser suficiente traduzir *znh* por “ser auto-suficiente” ou “ser autônomo” para textos como os de Oséias. Minha intenção tão-somente foi a de partir das propostas de Hannelis Schulte e exercitá-las de modo experimental em nossa períclope. Ainda que não tenhamos solucionado todos os problemas neste experimento, certamente foi-nos possível começar e indicar a viabilidade de um caminho.

### **A roda que massacra tem fim**

Além desta denúncia de que Israel está seguindo o ‘espírito de auto-suficiência’, de ‘apartamento’ de Javé, encontram-se em nossos v. 1-7 outros termos que identificam os desmandos vividos pelo povo. Dentre estas denúncias ressalto algumas.

Criticado é o descaso com a “justiça” (v. 1-2), o incentivo ao afastamento das tradições de Javé (v. 3-4.7), a badalação do “orgulho” militar nacional (v. 5) e o fomento a sacrifícios. Estas denúncias todas dizem respeito aos poderosos: sacerdotes, casa real, funcionários governamentais, militares.

É muito significativo que desmandos tão diversos sejam vistos como facetas de uma mesma realidade. É como se formassem uma roda que vai massacrando de múltiplas formas a vida das pessoas. Destrói a vida pela violência (v. 2!), pela religião oficial (v. 6), pelo uso de gestos religiosos populares (v. 3-4.7), através da promoção do “orgulho” militarista e nacional.

De várias formas a vida é destroçada pelo poder!

É dom da profecia juntar estas diversas facetas que maltratam a vida do povo com expressões de um só e mesmo projeto de morte. Sim, foram justamente os profetas que nos mostraram este caminho de uma análise integradora, de um projeto de vida que contempla o todo, que não segmenta.

A arte profética é a de mostrar que a violência física, em que as autoridades se põem a caçar o povo, e a violência religiosa que desvia as pessoas da lei de defesa da vida estão conjugadas. São momentos do mesmo movimento da roda que massacra a vida.

Quando se quer reduzir a denúncia a uma só faceta, quando vemos o mal de um só ângulo e a ele, pretensamente em nome da religião ou da Igreja, atribuímos a causa única, então justamente nos distanciamos da grande novidade que os profetas souberam formular: os poderes da morte rondam de mil maneiras, se adonam da vida de mulheres e homens, da gente empobrecida aproveitando todas as brechas.

E é, por isso, tão sensacional que Oséias, em nossos versículos, faça este mutirão de críticas. Revela o mesmo sofrimento de ângulos diversos, em um ‘mosaico’.

Mas, este assalto contra a vida das pessoas não detém a última palavra. Não será vitorioso.

## “A lua nova devorará suas heranças”

Tais elites sucumbirão! E chama a atenção como se dará a ruína destes poderosos donos do Estado que por múltiplas maneiras se põem à caça do povo.

A profecia pode dizer que Javé é quem intervém.

Aproxima-se a uma tal idéia o v. 2: “*eu [sou] orientação/disciplina para todos eles*”. Mas, até mesmo nesta ameaça não é um verbo que expressa a ação divina. Não se diz: “eu disciplinarei”. Mas, o tom é outro: Javé é como se fosse a “orientação” ou ‘disciplina’ que ocorre em consequência às injustiças promovidas.

Nos demais versículos, este tipo de leitura do castigo é ainda mais claro. O efeito das injustiças e prostituições é o castigo.

Assim o diz o v. 4: “suas obras não permitirão retornar a seu Deus”. O ‘espírito de afastamento’ de Javé é, como tal, a ruína de quem o promove.

Por igual o diz o v. 5. O “orgulho”, que é culpa, é também o tropeço. Cai-se no buraco que se cavou.

E, no final, no v. 7, este jeito de predizer a ruína é repetido. A “lua nova” que, conforme nossa interpretação, é a festa, em que se promove o distanciamento de Javé, o “orgulho” e as injustiças, a geração de “filhos estranhos”, é também o próprio local e momento em que as heranças, as terras são devoradas. A causa é a consequência.

Este jeito de delinear a relação entre culpa e castigo é claramente *sapiencial*. Ao descrever a ruína vindoura, Oséias é um sábio: o mal feito se vingará, afinal. Oséias é, neste sentido, um teólogo sapiencial!

A desgraça causada pelos poderosos será sua própria cova.

Quem maltrata o povo, quem o caça e desvirtua em seus valores, cava seu próprio túmulo.

Como estes nossos versículos dão destaque ao “orgulho”, ao exército, se poderia dizer que a ruína será causada por outro exército, por algum exército invasor mais forte que o de Israel/Norte. Os assírios preencheriam um tal horizonte. Os vitoriosos exércitos assírios virão a destroçar o “orgulho” militar do Reino do Norte. Esta é uma das maneiras de concretizar a visão do fim do poder em Oséias.

Contudo, este jeito de entender a profecia não é compartilhado por Habacuque. Este profeta expressa seu protesto contra este modo de entender a profecia: ela não aposta em violência externa para superar a interna! Para Habacuque, a profecia aposta nos “justos”, nos oprimidos, nas mulheres e nos homens maltratados pelas violências nacionais e internacionais. Penso que também se poderá adotar este critério de Habacuque para entender Oséias.

## **Uma ponte**

Oséias 5,1-7 recolhem as denúncias postas à luz do dia no cap. 4: os sacerdotes são os próprios chefes da enganação de “meu povo”.

E apontam para a grande unidade de 5,8 até 7,16: os poderosos, a “casa de Israel” – com sua política externa, de querer conquistar Judá e de querer promover guerra e acordos com os assírios, e com sua política interna de corromper o povo – cava sua cova.

Estamos, pois, na ante-sala de 5,8 até 7,16!

5,1-7 são chave de leitura para 5,8 até 7,16!

*Milton Schwantes*  
Rua Camilo José, 78  
Vila Dom Pedro I – Ipiranga  
São Paulo/SP  
04125-140  
e-mail: [mschwantes@bol.com.br](mailto:mschwantes@bol.com.br)